

Especialização em Língua Portuguesa e Matemática numa Perspectiva Transdisciplinar

Módulo
V

Leitura e Produção de Texto Acadêmico



Autor

João Maria Paiva Palhano



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte
Campus Avançado Natal - Zona Leste

João Maria Paiva Palhano

**Especialização em Língua Portuguesa e Matemática
numa Perspectiva Transdisciplinar**

Módulo

V

**Leitura e Produção
de Texto Acadêmico**



editoraifrn

**Natal
2021**



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
JAIR MESSIAS BOLSONARO

Ministro da Educação
MILTON RIBEIRO

Diretor de Educação a Distância da CAPES
CARLOS CEZAR MODERNEZ LENUZZA

Reitor do IFRN
JOSÉ ARNÓBIO DE ARAÚJO FILHO

Diretor de Inovação Tecnológica
JOÃO TEIXEIRA DE CARVALHO NETO

Coordenadora da Editora do IFRN
GABRIELA DALILA BEZERRA RAULINO

Diretor Geral do *Campus*
Avançado Natal - Zona Leste/IFRN
JOSÉ ROBERTO OLIVEIRA DOS SANTOS

Diretor Acadêmico do *Campus*
Avançado Natal - Zona Leste/IFRN
ALBERICO TEIXEIRA CANARIO DE SOUZA

Coordenadora Geral da UAB/IFRN
EDNEIDE DA CONCEIÇÃO BEZERRA

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
GUEIDSON PESSOA DE LIMA

Coordenadora da Especialização em
Língua Portuguesa e Matemática numa Perspectiva
Transdisciplinar
IVONEIDE BEZERRA DE ARAÚJO SANTOS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
E MATEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA
TRANSDISCIPLINAR

Módulo V
Leitura e Produção de Texto Acadêmico

Professor autor
JOÃO MARIA PAIVA PALHANO

Diretor de Educação a Distância
e Tecnologias Educacionais:
THIAGO MEDEIROS BARROS

Coordenador de Mídias Educacionais:
GLÁCIO GLEY MENEZES DE SOUZA

Diagramadores
LEONARDO DOS SANTOS FEITOZA
LUANNA CANUTO DA ROCHA

Revisores
ELIZETH HERLEIN
JOÃO MARIA PAIVA PALHANO

P1611 Palhano, João Maria Paiva.
Leitura e produção de texto acadêmico (livro eletrônico) / João Maria
Paiva Palhano. – Natal : IFRN Editora, 2021.
5.337,2 Kb ; PDF. il. color.

ISBN: 978-65-86293-68-5 (recurso eletrônico)
Inclui referências
Material didático da Especialização em Língua Portuguesa e Matemática
numa Perspectiva Transdisciplinar : Módulo V.

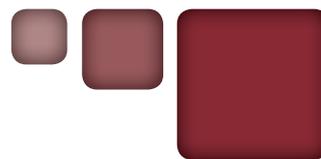
1. Leitura. 2. Produção de texto acadêmico. 3. Trabalho científico. 4.
Metodologia científica. I. Título.

CDU 81'42:001.8

Catálogo na Publicação elaborada pela Bibliotecária Sandra Nery da Silva Bigois CRB15: 439
Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento (BSNN) – Campus Avançado Zona Leste / IFRN.

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

SUMÁRIO



UNIDADE 1

Leitura e produção de textos na esfera acadêmica: considerações iniciais.....7

1. Por que as habilidades de leitura e de produção de textos são imprescindíveis à construção e à circulação social do conhecimento científico?.....8
2. Por que os usos da linguagem, na esfera acadêmica, apresentam características peculiares?..... 10
3. Por que é necessário citar o discurso alheio em textos acadêmicos? 15
4. Por que há vários gêneros discursivos em circulação na esfera acadêmica? 17

Atividades..... 18

Leituras..... 20

Referências 21

UNIDADE 2

Os gêneros discursivos *abstract* e resenha acadêmica na perspectiva do leitor e do produtor de texto..... 23

1. O que é um *abstract*? 24
2. Para que se produz *abstract*?..... 24
3. O que é necessário saber para produzir um *abstract* e para avaliar se ele cumpre sua função comunicativa?..... 25
4. O que é uma resenha acadêmica? 26
5. Para que se produz resenha acadêmica? 27
6. O que é necessário saber para produzir uma resenha acadêmica e para avaliar se ela cumpre sua função comunicativa? 28

Sumário

Atividades.....	29
Leituras.....	31
Referências.....	32

UNIDADE 3

O gênero projeto de pesquisa na perspectiva do leitor e do produtor de textos..... 33

1. O que é um projeto de pesquisa?..... 34
2. Para que se produz projeto de pesquisa? 35
3. O que é necessário saber para produzir um projeto de pesquisa e para avaliar se ele cumpre sua função comunicativa?..... 36

Atividades.....	37
Leituras.....	39
Referências.....	40

UNIDADE 4

O gênero artigo científico na perspectiva do leitor e do produtor de textos..... 33

1. O que é um artigo científico?..... 42
2. Para que se produz um artigo científico?..... 43
3. O que é necessário saber para produzir um artigo científico e para avaliar se ele cumpre sua função comunicativa?..... 43

Atividades.....	45
Leituras.....	46
Referências.....	47

UNIDADE



Leitura e produção de textos na esfera acadêmica: considerações iniciais



APRESENTANDO A UNIDADE

Nesta Unidade, abordaremos, em uma perspectiva mais ampla, alguns aspectos relacionados ao texto acadêmico. Enfocaremos o papel da leitura e da produção de textos na construção e na circulação do conhecimento científico, a configuração estilística da linguagem escrita na esfera acadêmica, o entrecruzamento da voz do autor com os discursos alheios e a diversidade de gêneros discursivos da esfera social acadêmica.

Ao final da Unidade, esperamos que você possa

- justificar a imprescindibilidade da prática da leitura e da produção de textos para a circulação social do conhecimento científico;
- lidar, tanto na posição de leitor quanto na de produtor de textos, com as convenções da linguagem verbal escrita na esfera acadêmica;
- recorrer, na condição de produtor de textos acadêmicos, às vozes alheias, sem que se dilua ou desapareça a voz autoral do citante; e
- associar a diversidade de gêneros acadêmicos aos variados propósitos comunicativos presentes nessa esfera.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muito provavelmente, você, na condição de graduado ou de pós-graduando, deve ter refletido, em algum momento, a respeito dos usos da linguagem na esfera acadêmica. Deve, inclusive, ter se sentido inseguro quando solicitado a produzir determinados gêneros

discursivos, como, por exemplo, fichamento, resumo e resenha, tão comuns no dia a dia de quem cursa uma graduação ou uma pós-graduação. Trata-se de uma hesitação muito comum não somente aos iniciantes na vida acadêmica.

Para enfrentar essa insegurança, nada melhor que o conhecimento bem fundamentado e a prática contínua e bem orientada. Afinal, o conhecimento teórico e a prática, quando inter-relacionados (na condição de o primeiro iluminar a segunda e a segunda possibilitar a revisão do primeiro), constituem uma plataforma decisiva para o redimensionamento qualitativo de nosso desempenho em leitura e em produção de textos acadêmicos. Iniciemos com considerações mais gerais. Para tanto, formulemos uma primeira pergunta norteadora.

1. POR QUE AS HABILIDADES DE LEITURA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS SÃO IMPRESCINDÍVEIS À CONSTRUÇÃO E À CIRCULAÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO?

Há várias razões que justificam o fato de a leitura e a produção de textos, sobretudo escritos, constituírem habilidades fundamentais na esfera acadêmica, lugar onde, por excelência, se produz conhecimento científico. Apontaremos três delas.

Em primeiro lugar, a sistematização do conhecimento científico depende – de modo muito perceptível na área das ciências humanas¹ – do texto, seja no âmbito da leitura seja no âmbito da escritura. De um lado, o pesquisador, na posição de leitor, precisa, permanentemente, ter acesso a publicações sobre os objetos que pretende investigar ou que já investiga. Essa atualização constante permite que uma pesquisa determinada possa alcançar maior inter-relacionamento com outras investigações, buscando confirmá-las, desenvolvê-las, utilizá-las como sustentação para novas investigações, negá-las total ou parcialmente... O papel da leitura de textos científicos torna-se, desse modo, imprescindível à constituição dos saberes, uma vez que alimenta, sobretudo, as possibilidades de problematização.

De outro lado, o pesquisador, na condição de produtor de textos, necessita sistematizar sua pesquisa sob forma de texto a ser publicado. Precisa ser capaz de, no mínimo, construir uma exposição clara, sequenciada e coerente. Para tanto, deve demonstrar controle – pelo menos, razoável – em relação às convenções da linguagem acadêmica. E, quanto maior sua facilidade em lidar com a seleção das palavras, a organização das frases, a constituição dos parágrafos, o encadeamento coesivo e a normalização prevista pela ABNT, dentre outros aspectos linguístico-textuais, maior também a possibilidade de o texto ser compreendido com facilidade.

1 Bakhtin (2003) considera as ciências humanas como as ciências do texto.

Afinal, a dificuldade em se ler um texto acadêmico deve residir, quando for o caso, apenas na densidade e na complexidade das informações e das reflexões. Nunca deve residir na organização interna do texto. Por isso, não esqueça: a falta de controle sobre a organização do texto pode até comprometer a imagem positiva da pesquisa realizada. Quem se sentirá suficientemente motivado a ler um texto cuja organização interna funciona como um entrave à compreensão?

Em segundo lugar, o conhecimento científico depende – para se fazer circular e, assim, poder ser submetido a juízos críticos – da publicação de textos escritos. Normalmente, a participação em simpósios e encontros, ainda que sob forma de comunicação oral, ganha um registro escrito, transformando-se em artigo científico ou, no mínimo, em *abstract*. Sem que a pesquisa seja publicada (ou, ao menos, disponibilizada para consultas), quebra-se a cadeia da divulgação dos resultados parciais ou finais de uma pesquisa, impossibilitando desdobramentos e, obviamente, a expansão dos saberes científicos. Sem textos, o conhecimento científico define-se por entre as mãos que o produziram. Ou ainda poderíamos afirmar: “sem livros [e aí entendamos sem texto], a história é silenciosa, a literatura é muda, a ciência é paralítica e o pensamento se fossiliza” (BARBARA W. TUCHMAN *apud* AZEVEDO, 2001, p. 25).

Figura 01



Fonte: Eugenio Felix. Disponível em:
<https://www.pexels.com/pt-br/foto/pessoa-segurando-areia-2696212/>

Em segundo lugar, o conhecimento científico depende – para se fazer circular e, assim, poder ser submetido a juízos críticos – da publicação de textos escritos. Normalmente, a participação em simpósios e encontros, ainda que sob forma de comunicação oral, ganha um registro escrito, transformando-se em artigo científico ou, no mínimo, em *abstract*. Sem que a pesquisa seja publicada (ou, ao menos, disponibilizada para consultas), quebra-se a cadeia da divulgação dos resultados parciais ou finais de uma pesquisa, impossibilitando desdobramentos e, obviamente, a expansão dos saberes científicos.

Sem textos, o conhecimento científico define-se por entre as mãos que o produziram. Ou, ainda, poderíamos afirmar: “sem livros [e aí entendamos sem texto], a história é silenciosa, a literatura é muda, a ciência é parálitica e o pensamento se fossiliza” (BARBARA W. TUCHMAN *apud* AZEVEDO, 2001, p. 25).

Em terceiro lugar, o conhecimento científico também depende da política de financiamento de bolsas de iniciação científica, de bolsas de pós-graduação e de projetos de pesquisa. E essa política orienta-se pelo ditado “Publique ou pereça”, lema muito conhecido das universidades norte-americanas. A consequência dessa orientação é, de certo modo, condicionar o acesso às bolsas à quantidade de textos publicados. Assim, a produção de artigos científicos em periódicos especializados e de livros acadêmicos para editoras termina assegurando espaço profissional e garantindo o investimento financeiro – na maioria das vezes, de origem pública – em pesquisas. Essas três razões – a sistematização do conhecimento científico, a circulação do conhecimento científico e a política de financiamento de bolsas – assinalam, incisivamente, a dependência entre o texto, no âmbito da leitura e da escritura, e o conhecimento científico.

Formulemos uma segunda pergunta norteadora.

2. POR QUE OS USOS DA LINGUAGEM, NA ESFERA ACADÊMICA, APRESENTAM CARACTERÍSTICAS PECULIARES?

Para respondermos a essa pergunta, consideremos dois aspectos primordiais: **a busca da clareza e a exigência da padronização.**

No que se refere à busca da clareza, o pesquisador, na condição de produtor de textos, deve sempre se preocupar em se fazer entender do melhor modo possível. Para isso, precisa, ao redigir, acionar uma série de qualidades associadas à clareza, como a simplicidade, a concisão, a precisão, a objetividade e a coerência. Associemos, ainda, a correção da linguagem conforme as convenções da norma-padrão.

Esse perfil estilístico revela-se em vários âmbitos da organização dos gêneros acadêmicos (e estamos nos referindo, mais precisamente, ao artigo científico, ao projeto de pesquisa, à resenha e ao *abstract*). Torna-se legível, com muita visibilidade, quando o pesquisador seleciona as palavras de modo preciso (evitando, por exemplo, termos muito genéricos e metáforas vagas). Nesse sentido, devemos optar – sempre que possível – por fazer uso de um vocabulário mais específico da área de conhecimento em foco.

Esse perfil também se torna legível quando o pesquisador constrói períodos que não geram entraves ao entendimento e que apresentam uma organização interna padrão. Não são, portanto, sentenças extremamente longas, dificultando a compreensão, nem quebradas,

sem a completude necessária à construção dos sentidos. Também não são extremamente curtas, impossibilitando o desenvolvimento de raciocínios mais complexos. Ou seja, nem devem tender ao labirinto emaranhado da extensão nem ao vazio telegráfico da síntese extremamente condensada. Devemos considerar, ainda, que os períodos precisam se encadear entre si por meio de elementos coesivos.

O perfil estilístico ainda se torna legível quando o pesquisador desenvolve os parágrafos em torno de uma ideia central, facilmente recuperada pelo leitor. Não os elabora nem longos demais, perdendo-se a unidade de sentido, nem curtos demais, obstaculizando o desdobramento da ideia nuclear. Além disso, os parágrafos devem ser encadeados de modo a tornar facilmente recuperável a progressão do tema tratado.

Por fim, o perfil estilístico também se torna legível quando o pesquisador segmenta o texto, nomeando as seções e as subseções, e articula, com o auxílio de mecanismos coesivos, uma progressão bem marcada do tema. Agindo assim, o pesquisador permite que o leitor possa localizar, com facilidade, os objetivos, a explicitação dos referenciais teóricos, a análise dos dados e a conclusão. Facilita-se, pois, o acesso à reflexão desenvolvida.

Figura 02



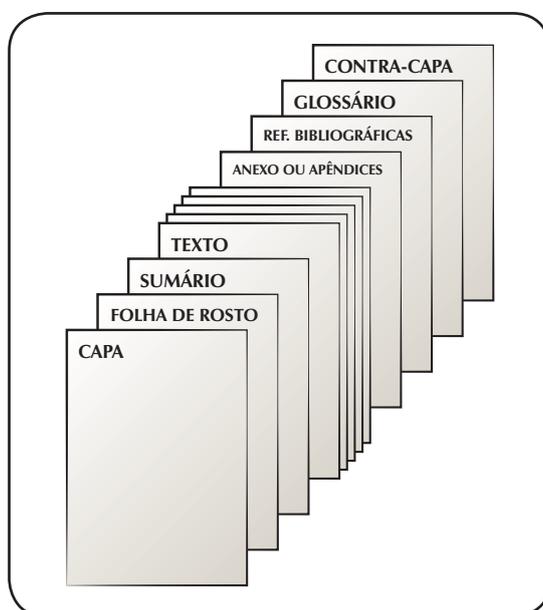
Fonte: adaptado do original de @Vectorium. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-psd/book-cover-mockup_12710804.htm

No que se refere à exigência da padronização, o pesquisador, na condição de produtor de textos, deve conhecer tanto as convenções mais específicas de cada gênero acadêmico quanto as convenções da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, destinadas à produção acadêmica. Em relação às primeiras, o pesquisador deve conhecer, por exemplo, a disposição interna do artigo científico, da resenha e do *abstract*. Afinal, há especificidades na estrutura composicional de um gênero discursivo, apesar de sabermos não se tratar de organizações rigorosamente fechadas e imutáveis, avessas a mudanças. Convém, portanto, que o pesquisador conheça os traços tidos como regulares e mais ou menos estáveis, até

mesmo para que afastamentos do padrão possam ser feitos. Só se pode transgredir, com propriedade, aquilo que se conhece.

Em relação às segundas convenções, as previstas pela ABNT, o pesquisador deve estar familiarizado, pelo menos, com certas diretrizes principais. São orientações que, ao buscarem a padronização de vários aspectos da produção acadêmica (como, por exemplo, os modos de elaborar uma citação ou o modo de compor as referências), têm, por alvo, a clareza. Nesse sentido, a uniformidade pode se tornar uma marca de facilitação para a leitura fluente, associando, pois, clareza com padronização. Há normas da ABNT fundamentais, como a NBR 6023, que trata de referências, e a NBR 10520, que trata das citações em documentos.

Figura 03



Fonte: adaptado do original de Portal São Francisco. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/portugues/estrutura-de-um-trabalho-academico>

A essas considerações sobre o estilo da linguagem na esfera acadêmica, podemos acrescentar a escolha do pesquisador em recorrer, para enunciar sua própria voz no texto, à terceira pessoa, à primeira do plural ou à primeira do singular. É importante que ele eleja uma dessas possibilidades e, preferencialmente, a mantenha ao longo do texto produzido.

Mas o que motivou essas possibilidades? Em um passado ainda bem recente, os textos de natureza científica eram preferencialmente redigidos em terceira pessoa. E você provavelmente já ouviu falar que, caso se mantivesse a terceira pessoa, se garantiria, pelo menos, no que diz respeito à linguagem, a objetividade necessária à reflexão acadêmica. Os tempos, entretanto, mudaram, e os paradigmas da ciência também. A crença cartesiana – definidora, durante séculos, do modo de se fazer ciência – de que há uma realidade

objetiva e de que há uma capacidade da mente humana para captar essa realidade e objetivar essa mesma realidade não encontra mais eco no mundo contemporâneo. Uma das decorrências estilísticas da visão cartesiana e positivista – centrada na busca incessante de uma suposta objetividade neutra – era o uso da terceira pessoa. Esse procedimento (entre outros, obviamente) constituía, pois, uma marca do não envolvimento subjetivo do pesquisador, criando a ilusão de um discurso impessoalizado.

Hoje, vivemos a era da incerteza, conforme a entende Morin (2010, 2011a, 2011b, 2011c). Em sintonia com esse novo paradigma, é necessário o entendimento de que “não há conhecimento [inclusive o conhecimento dito científico] que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão” (MORIN, 2011b, p. 19) e de que, devido ao fato de o novo brotar incessantemente, “é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo” (MORIN, 2011b, p. 29). Nesse contexto, a representação do mundo feita pelo ser humano é sempre uma construção do sujeito. É uma possibilidade entre outras e não tem existência à parte do ser humano.

Na condição de pesquisador, você deve, portanto, ter consciência de que a subjetividade permeia todo e qualquer discurso e de que aquilo que é tido como verdadeiro está, necessariamente, sempre sujeito a uma revisão. Isso não significa afirmar que você abra mão da clareza de seu pensamento. Afinal, subjetividade não é, obrigatoriamente, sinônimo de obscuridade e incompreensão. É preciso que elucidemos (e, para isso, a clareza é fundamental), mas é preciso também que acreditemos “na possibilidade de trazer à luz plenamente todas as coisas” (MORIN, 2011a, p. 16).

Assim se compreendendo, o pesquisador, na posição de produtor de texto acadêmico, deve optar, de acordo com seus interesses estilísticos, pela maneira como enunciará sua própria voz. Se vai recorrer à terceira pessoa, à primeira do plural ou à primeira do singular, será uma decisão sua. O importante é ter consciência dessa escolha e saber conduzi-la devidamente – ora mantendo-a uniforme ao longo do texto; ora, em função de certos interesses próprios, alterando-a.

Ilustremos com alguns exemplos, focando o alvo, sobretudo, nos trechos em destaque. Se você optar pelo viés da tradição, pode recorrer à terceira pessoa, criando a ilusão da impessoalidade, como nas duas possibilidades apresentadas a seguir.

O **pesquisador investiga**, neste artigo, as concepções de linguagem que subsidiam a construção de sequências didáticas no livro-texto da disciplina Língua Portuguesa adotado na última série do ensino fundamental, nas escolas públicas da rede municipal de Natal, no período de 2006 a 2010. Para constituir o *corpus*, o **pesquisador selecionou** as sequências que abordam especificamente a produção de textos argumentativos.

As reflexões objetivam, sobretudo, subsidiar as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa.

(Excerto adaptado de artigo científico)

Investigam-se, neste artigo, as concepções de linguagem que subsidiam a construção de sequências didáticas no livro-texto da disciplina Língua Portuguesa adotado na última série do ensino fundamental, nas escolas públicas da rede municipal de Natal, no período de 2006 a 2010. Para constituir o *corpus*, selecionaram-se as sequências que abordam especificamente a produção de textos argumentativos. **Objetiva-se**, sobretudo, subsidiar as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa.

(Excerto adaptado de artigo científico)

Ou pode recorrer à primeira pessoa do plural, uma opção estilística muito recorrente na produção acadêmica contemporânea. Nesse caso, o autor nem impessoaliza nem se posiciona como um “eu”. Considere os trechos em destaque no excerto abaixo.

Investigamos, neste artigo, as concepções de linguagem que subsidiam a construção de sequências didáticas no livro-texto da disciplina Língua Portuguesa adotado na última série do ensino fundamental, nas escolas públicas da rede municipal de Natal, no período de 2006 a 2010. Para constituir o *corpus*, **selecionamos** as sequências que abordam especificamente a produção de textos argumentativos. **Nossas reflexões objetivam/Objetivamos**, sobretudo, subsidiar as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa.

(Excerto adaptado de artigo científico)

Mais modernamente (sobretudo na esfera das ciências sociais e humanas), assume-se, de modo explícito, que a pesquisa é resultado de um determinado olhar condicionado pelo contexto sociocultural e pelo aporte teórico utilizado. Em decorrência, o pesquisador enuncia em primeira pessoa do singular. Considere os trechos em destaque no excerto abaixo.

Investigo, neste artigo, as concepções de linguagem que subsidiam a construção de sequências didáticas no livro-texto da disciplina Língua Portuguesa adotado na última série do ensino fundamental, nas escolas públicas da rede municipal de Natal, no período de 2006 a 2010. Para constituir o *corpus*, **selecionei** as sequências que abordam especificamente a produção de textos argumentativos. **Minhas reflexões objetivam/Objetivo**, sobretudo, subsidiar as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa.

(Excerto adaptado de artigo científico)

Lembremos, por fim, que a escolha por um desses modos de enunciar não garante, por si somente, um exercício de autoria. Não é porque se optou pela primeira pessoa do singular que se é “mais autor”, secundarizando aquele que optou, buscando a impessoalização, pela terceira pessoa. Fatores diversos interferem na definição da autoria, como determinados traços do estilo pessoal (afinal, cada um lida diferentemente com as diretrizes estilísticas da linguagem em usos acadêmicos) e o modo como são conduzidas as citações do discurso alheio.

Como vimos, a linguagem, na esfera acadêmica, apresenta características peculiares em função, sobretudo, da clareza. Esse traço deve ser perseguido, valorizado e mantido, submetendo-se todas as demais características a ele. Não adianta, pois, ser simples e conciso (traços estilísticos inegavelmente importantes na definição do estilo dos gêneros acadêmicos) caso não se seja claro. É a clareza a grande promotora do diálogo produtivo na esfera do conhecimento científico. Desse modo, ainda faz eco uma assertiva de Aristóteles (2011), repetida ao longo dos séculos: a excelência do estilo consiste na clareza.

Formulemos uma terceira pergunta norteadora

3. POR QUE É NECESSÁRIO CITAR O DISCURSO ALHEIO EM TEXTOS ACADÊMICOS?

Para respondermos a essa questão, consideremos dois aspectos. Em primeiro lugar, consideremos o fato de os textos científicos, como quaisquer textos de outras esferas sociais, estarem interligados em uma rede de respostas estimuladoras de novas respostas. Esse jogo dialógico ora confirma, total ou parcialmente, o já dito; ora nega, total ou parcialmente, o já dito; ora estabelece cruzamentos, aproximando teorias; ora se afasta do cruzamento, priorizando determinada diretriz...

Assim se entendendo, a produção científica é perpassada por ideias e dados que circulam nas esferas dos saberes científicos. E, mesmo que essas ideias e esses dados não sejam propriedades suas, você, na condição de pesquisador, utiliza-os, orientado pelos mais diversos propósitos. Desse modo, você, ao refletir sobre um dado objeto de pesquisa, precisará – até mesmo como ponto de partida – ter acesso ao que já se pensou e se sistematizou sobre esse mesmo objeto. Em decorrência, a citação do discurso alheio será não só necessária mas também ética. Você, na condição de pesquisador, precisa reconhecer e explicitar a contribuição de outros sujeitos que também investigaram e divulgaram os resultados das pesquisas. Afinal, a construção do conhecimento é coletiva.

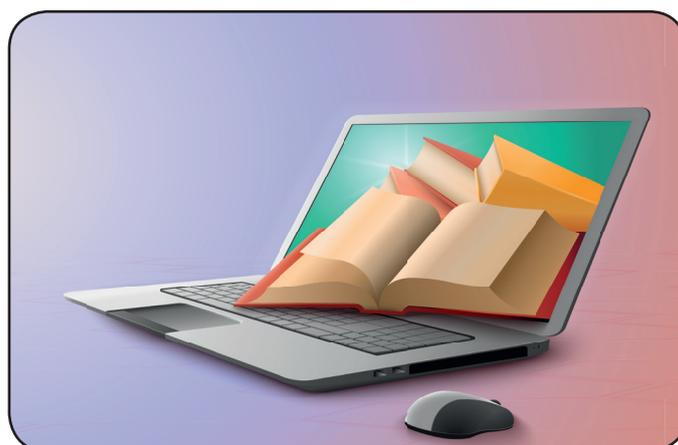
Em segundo lugar, consideremos a necessidade de você, como pesquisador, explicitar os referenciais teórico-metodológicos que sustentam sua pesquisa. Ou você acredita que

sua pesquisa não se ampara em determinados paradigmas científicos? Crê que ela não se filia, de algum modo, aos saberes científicos já sistematizados ou em sistematização? Essa necessidade é uma razão muito importante para que justifiquemos a presença das citações do discurso alheio, uma vez que pode haver grandes diferenças entre buscar apoio em um autor X, representante de certa linha de pensamento, ou em um autor Y, representante de outra linha (ainda que eles problematizem um mesmo objeto de estudo). Explicitando as fontes, você está também explicitando uma determinada filiação teórica, uma corrente de pensamento. E isso é fundamental para a investigação científica e para a imagem do pesquisador na comunidade acadêmica, uma vez que o filia a uma discussão mais abrangente. Não se esqueça de que, na academia, as pesquisas são desenvolvidas a partir de uma determinada base, o que significa comungar com certos aportes teóricos.

As citações, seguindo o traço estilístico da padronização, não podem ser construídas de qualquer modo. Há várias convenções, definidas pela ABNT, que orientam o pesquisador na inserção dessas vozes alheias no texto científico. Indicamos, para esclarecimento e orientação, a *Norma Brasileira 10520/2002*, da ABNT. Essa norma trata, especificamente, das citações em documentos.

As dificuldades que o pesquisador possa vir a ter em relação às citações podem ser atenuadas – ou até mesmo inteiramente desfeitas – mediante três encaminhamentos: consultar sempre a norma, esclarecendo dúvidas que possam surgir (e surgirão...); inserir, ao produzir textos científicos, as vozes alheias em conformidade com as orientações da norma, garantindo, assim, pelo treino constante, a apropriação das convenções; e avaliar, ao ler textos científicos, a inserção das vozes alheias, exercitando, até nesse âmbito, o olhar crítico do leitor e, indiretamente, fortalecendo o exercício da escritura.

Figura 04



Fonte: adaptado do original de @user21852064. Disponível em: https://www.freepik.com/free-vector/digital-online-education-concept-blank-space-laptop_12157183.htm

Após essa breve exposição tão centrada no discurso alheio, você poderia perguntar onde, afinal, entra a interferência pessoal do pesquisador. Será que, no texto produzido, não há a voz do pesquisador? Há, inclusive, quem se esconda por trás do discurso alheio e não evidencie a voz autoral, o que é grave. Para evitar essa “ausência do autor”, é necessário entendermos que a pesquisa também é do pesquisador, mesmo que ele, incondicionalmente, se ancore nos dizeres alheios já sistematizados. Sendo assim, no que se refere às vozes alheias, cabe ao pesquisador saber conduzi-las para determinados propósitos, subsidiando e fortalecendo o que está sendo posto em evidência no texto produzido. Na verdade, o pesquisador assume o papel de regente de orquestra: dirige os diversos instrumentistas para um determinado fim, para os propósitos autorais. Não nos esqueçamos de que essas vozes devem ser representativas da área de conhecimento em foco e de que, de fato, devem, de algum modo, validar o pensamento do pesquisador.

Formulemos, por fim, a última pergunta.

4. POR QUE HÁ VÁRIOS GÊNEROS DISCURSIVOS EM CIRCULAÇÃO NA ESFERA ACADÊMICA?

Há uma diversidade de gêneros discursivos que circulam na esfera social acadêmica em função dos vários propósitos comunicativos veiculados nessa esfera. Se a intenção for expor uma reflexão, geralmente lida, para um público mais heterogêneo (composto por professores, colegas de turma, familiares e convidados em geral), recorreremos ao discurso de formatura. Se a intenção for explicar, de modo didático e oral (com ou sem auxílio das multimídias), determinado tema dos conteúdos programáticos para alunos reunidos formalmente em sala de aula, recorreremos à aula expositiva. Se a intenção é apresentar coletivamente, em sala de aula, tópicos do conteúdo programático, previamente sistematizados a partir da leitura de textos teóricos, recorreremos ao seminário. Se a intenção for... E segue uma enumeração de gêneros veiculados na esfera acadêmica: prova discursiva, resumo, relatório de aula de campo, debate regrado, monografia, dissertação de mestrado...

Interessam-nos, ante gama tão variada, os gêneros mais diretamente centrados na produção do conhecimento científico, para os quais são especialmente válidas as ponderações feitas nesta Unidade 1. Dentre esses, interessam-nos, mais precisamente, quatro deles: o **abstract**, a **resenha acadêmica**, o **projeto de pesquisa** e o **artigo científico**. Conversaremos sobre cada um deles nas próximas Unidades. Até lá!



ATIVIDADES

ATIVIDADE 1

Considerando as reflexões apresentadas nesta Unidade, justifique por que as habilidades de leitura e de produção de textos são imprescindíveis à construção e à circulação social do conhecimento científico.

ATIVIDADE 2

Para realizar esta atividade, você deve ler previamente as ponderações de Motta-Roth e Hendges (2010, p. 13-25). Formule três questões cujas respostas espelhem aspectos principais das ponderações das autoras. Em seguida, responda cada uma delas.

ATIVIDADE 3

Justifique por que os excertos abaixo, adaptados de artigos científicos, apresentam problemas no que se refere às convenções estilísticas da linguagem na esfera acadêmica. Depois, proponha solução para cada caso.

- a) Foi a partir de então, que se iniciou amplas discussões sob os problemas ambientais, como: crescimento populacional, a qualidade da água piorou muito, rejeitos tóxicos e radioativos, a biodiversidade foi afetada, esgotamento de recursos energéticos, mudanças climáticas e aquecimento global, erosão dos solos agrícolas, desastres naturais dentre outros. Entretanto, precisa ser revisto a concepção de desenvolvimento que sustenta nossa relação com o mundo.
- b) Na sociedade feudal, uma coisa que maltratava o povão era a força da opressão. De um lado, havia umas relações com a Igreja; de outro, umas pendências com os aristocratas, que mantinham os servos sempre na maior dívida.

c) Iniciaremos nossa exposição fazendo um breve histórico do surgimento da linguística cognitiva. Em seguida, examinar-se-ão os pressupostos e a metodologia da gramática cognitiva. Depois, problematizarei as relações da linguística cognitiva com outras correntes da linguística contemporânea. Finalmente, apresentar-se-ão as categorias da semântica cognitiva que me interessam mais diretamente.

ATIVIDADE 4

Para realizar esta atividade, você precisa ler previamente a NBR 10520/2002 (Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520.citas.pdf>>. Acesso em 16 set. 2011.) e o artigo científico _____ (Disponível em: <_____>. Acesso em: _____).

Analise como o autor conduziu, no desenvolvimento do artigo, as vozes alheias. Para tanto, siga o roteiro apresentado abaixo.

- Que fontes são citadas? Constituem referência para a área de conhecimento em foco?
- Com que intenção essas fontes são citadas?
- As citações apresentam-se de modo direto e/ou indireto? Em havendo os dois modos, há predominância de um deles? Depreende-se alguma razão que justifique a preferência por um desses modos?
- As citações obedecem às convenções da *NBR 10520/2002*? Por quê?
- Para construir as citações, o autor recorre a *verbos de dizer*? Se recorre, esses verbos variam? Esses verbos foram selecionados de modo a expressarem determinados juízos de valor atribuídos pelo autor do artigo?
- A voz do autor conduz a discussão apresentada no artigo? Ou se dilui diante das vozes citadas? Por quê?
- Como você avalia o uso do discurso alheio no artigo em análise? Justifique.

ATIVIDADE 5

Sistematize as principais orientações da *NBR 10520/2002* (Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520.citas.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2011.)

Priorize, em sua sistematização, cinco aspectos que você considerou mais relevantes e que você desconhecia até então. Se quiser, recorra a esquema.



LEITURAS OBRIGATÓRIAS

NBR 10520. Informação e documentação: citações em documentos – apresentação. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520.citas.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2011.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Publique ou pereça. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 13-25.



LEITURAS COMPLEMENTARES

AZEVEDO, Israel Belo. **O prazer da produção científica:** diretrizes para elaboração de trabalhos acadêmicos. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

Trata-se de uma obra didática, de fácil leitura. O autor, além de tecer comentários gerais sobre a produção do conhecimento científico, enfoca vários gêneros acadêmicos e sugere alguns conselhos ao produtor de textos científicos.

ISKANDAR, Jamil. Ibrahim. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2009.

Trata-se de obra didática, com bastante exemplificação.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos; 3).

Trata-se de obra didática sob forma de estudo dirigido. É uma proposta bastante interativa que contempla, de modo mais amplo, a produção do texto científico. São focalizados tópicos como a preparação do diário de pesquisa, a busca de temas relevantes, a construção de questões de pesquisa e a formulação dos objetivos de pesquisa.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

AZEVEDO, Israel Belo. **O prazer da produção científica**: diretrizes para elaboração de trabalhos acadêmicos. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

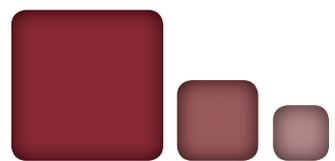
BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Trad. Eloá Jacobina. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. Trad. Edgar de Assis Carvalho. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

_____. **Rumo ao abismo?**: ensaio sobre o destino da humanidade. Trad. Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011c.



UNIDADE



2

Os gêneros discursivos abstract e resenha acadêmica na perspectiva do leitor e do produtor de textos



APRESENTANDO A UNIDADE

Nesta Unidade, abordaremos, nas perspectivas do leitor e do produtor de textos, os gêneros discursivos *abstract* e resenha acadêmica.

Ao final da Unidade, esperamos que você possa

- produzir *abstract* e resenha acadêmica; e
- avaliar, no que diz respeito à organização composicional e à eficácia comunicativa, *abstracts* e resenhas acadêmicas.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Depois de pormos o foco em considerações mais gerais a respeito dos usos da linguagem na esfera acadêmica, centrar-nos-emos, mais especificamente, em dois gêneros bastante recorrentes nas práticas discursivas da academia: o *abstract* (ou resumo acadêmico) e a resenha acadêmica.

Para orientar nossas ponderações sobre esses gêneros, partiremos sempre de perguntas que imaginamos serem muito comuns a quem cursa uma graduação ou uma pós-graduação. Nosso intento é tão somente traçar uma panorâmica a respeito de cada um dos gêneros em foco, uma vez que você terá acesso a mais detalhamento nos textos teóricos de leitura obrigatória.

Iniciemos enfocando o *abstract*. Para tanto, formulamos três perguntas.

1. O QUE É UM *ABSTRACT*?

Para início de conversa, você talvez tenha achado estranha essa denominação. Afinal, por que não nomear esse gênero por resumo, uma vez que o *abstract* é, costumeiramente, denominado assim?

Figura 05



Fonte: @jcomp. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/book-turning-pages_908463.htm

Não nos assustemos, pois há razões para essa escolha. Em primeiro lugar, há a preocupação em não confundir o *abstract* com o resumo de um texto qualquer. Nesse entendimento, *abstract* – ou resumo acadêmico – é, necessariamente, o resumo de uma pesquisa em andamento (ou já desenvolvida), de um artigo científico, de uma monografia, de uma dissertação de mestrado, de uma tese de doutorado. Portanto, nem todo resumo pode ser denominado de *abstract* (embora, muitas vezes, o *abstract* seja nomeado por resumo). Em segundo lugar, há a necessidade de frisar que o *abstract* possui uma organização composicional diferenciada do resumo de livros e de capítulos, tão comum nas práticas pedagógicas. Na vida escolar e acadêmica, quem não resumiu textos como uma estratégia de aprendizado, tanto para se apropriar de determinado conteúdo programático quanto para treinar a habilidade de síntese?

Entendido, portanto, como um resumo específico de certos gêneros acadêmicos, o *abstract* apresenta caracterizações próprias que o distanciam do resumo comum.

2. PARA QUE SE PRODUZ *ABSTRACT*?

O *abstract* tem finalidades bem definidas. Uma delas diz respeito aos interesses do pesquisador em participar de algum evento científico. Nesse caso, o pesquisador remete

o *abstract* para uma determinada comissão responsável pela seleção de trabalhos a serem apresentados no evento. Em situação dessa natureza, temos, muitas vezes, o resumo de um artigo ou de uma pesquisa que – tanto o primeiro quanto a segunda – ainda estão em fase de elaboração (ou até mesmo, em alguns casos, não foram sequer iniciados). Se o *abstract* obtiver aprovação, o trabalho poderá ser apresentado e, posteriormente, publicado nos anais do evento. Diante desse processo, a que conclusão podemos chegar? A produção de um *abstract* pode preceder, em algumas situações, a produção do artigo ou mesmo da pesquisa. Isso não ocorre com os resumos das práticas pedagógicas escolares e acadêmicas, uma vez que o texto a ser resumido precede, necessariamente, o resumo feito pelo aluno.

Outra finalidade do *abstract* diz respeito aos interesses do leitor tanto em ser ouvinte de determinada apresentação em um evento científico quanto em ler determinado artigo científico ou outro gênero acadêmico (como uma monografia, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado). Nesse caso, a leitura do *abstract* funciona como motivação, seja porque explicita a temática, seja porque traça uma imagem global da pesquisa. O *abstract* termina sendo, desse modo, um agente indutor das ações do pesquisador: pode levá-lo a assistir à exposição cujo *abstract* lhe interessou e pode levá-lo à leitura de um texto cujo *abstract* também lhe interessou.

Essas duas finalidades – a mais centrada nos interesses do pesquisador e a mais centrada nos interesses do possível leitor – atestam a necessidade de que os *abstracts* sejam bem produzidos. Ou seja, apresentem-se claros, objetivos e bem concatenados. Afinal, eles funcionam como uma espécie de cartão de apresentação de um trabalho acadêmico. Podem, sem dúvida, levar um trabalho a ser aceito, um artigo a ser lido.

3. O QUE É NECESSÁRIO SABER PARA PRODUZIR UM ABSTRACT E PARA AVALIAR SE ELE CUMPRE SUA FUNÇÃO COMUNICATIVA?

Como todo gênero acadêmico, o *abstract* apresenta traços comuns aos demais gêneros da referida esfera e traços específicos definidores de um perfil próprio. Esses traços peculiares estão a serviço do propósito comunicativo veiculado em um *abstract*: fornecer, ao leitor, a síntese de uma pesquisa.

A melhor maneira de conhecer a organização composicional dos *abstracts* é lê-los. E lê-los com o olhar de quem não se contenta apenas em depreender as informações. Mas lê-los com o olhar de quem depreende também o modo como as informações foram dispostas. Isso é ir mais longe no correr dos olhos sobre o texto escrito.

Esse agir sobre o texto – as ações simultâneas de depreender as informações e o modo

Unidade 2
Os gêneros discursivos *abstract* e resenha acadêmica
na perspectiva do leitor e do produtor de textos

como essas informações foram dispostas – é fundamental para que o leitor se aproprie das convenções do gênero. E não só do *abstract* mas também de todo e qualquer gênero discursivo (incluindo-se, obviamente, os da esfera acadêmica). De preferência, o contato como os gêneros deve, prioritariamente, preceder a sistematização teórica.

Figura 06



Fonte: @jcomp. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/fingers-note-report-journalist-filling_1088221.htm

Considerando o exposto, o primeiro passo para saber fazer *abstracts* e, mais ousadamente, para saber avaliar *abstracts* é estar em contato com exemplares do gênero. Você precisa, portanto, ter esse contato e, se já o tem, precisa redimensioná-lo, no sentido de começar a construir uma leitura mais incisiva e mais analítica. Esse é o caminho para a produção proficiente e a crítica pertinente.

Claro que uma sistematização teórica sobre o perfil estilístico e composicional do *abstract* – sobretudo se já temos contato com esse gênero – ajuda a saber fazer e a saber julgar. Para mediar o acesso a esse conhecimento sistematizado, remetemos à leitura atenta das ponderações de Motta-Roth e Hendges (2010). Acreditamos que, das considerações das autoras (devidamente associadas à experiência que você já deve ter vivenciado no que se refere à leitura e até mesmo à redação de *abstracts*), poderemos depreender alguns parâmetros que nos auxiliem a redigir *abstracts*, na posição de produtor de textos, e a apreciá-los criticamente, na posição de leitor. Torcemos que nossas orientações surtam efeito.

Passemos à resenha acadêmica. Para tanto formulemos também três perguntas.

4. O QUE É UMA RESENHA ACADÊMICA?

A resenha acadêmica, além de expor uma síntese da obra resenhada, apresenta juízos críticos do resenhista. Na posição de produtor de texto, o sujeito emite parecer

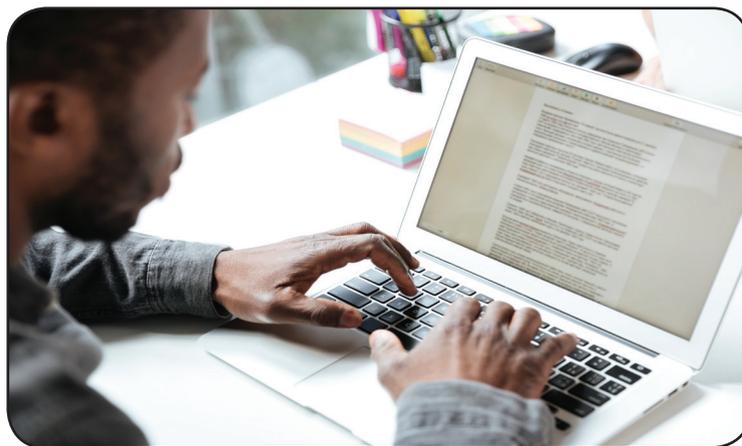
Unidade 2
Os gêneros discursivos *abstract* e resenha acadêmica
na perspectiva do leitor e do produtor de textos

sobre a obra, elogiando-a ou não (até mesmo fazendo as duas ações, desde que não se gerem incoerências). O resenhista pode também estabelecer comparações e confrontos com outras obras. Ou ainda situar a obra em um dado contexto, com o objetivo, por exemplo, de traçar influências. Geralmente, a resenha acadêmica é destinada à publicação em revistas especializadas, periódicos de certa área de conhecimento destinados a um público mais restrito. Assim entendida, a resenha acadêmica “é uma síntese seguida de comentários sobre obra publicada” (ANDRADE, 2006, p. 11).

5. PARA QUE SE PRODUZ RESENHA ACADÊMICA?

Antes de respondermos a essa questão, consideremos que a resenha pode não se configurar como acadêmica. Nesse caso, ela é encontrada, geralmente, em jornais e revistas destinados a público mais amplo. Nela, são apresentados e avaliados tanto livros quanto filmes, espetáculos teatrais, exposições de arte, telenovelas, CDs... Assim, são colocados, em evidência, certos produtos recém-lançados no mercado dos bens culturais. Esse tipo de resenha acaba influenciando o gosto do público e, indiretamente, estimulando ou não o consumo de um objeto tido como da esfera cultural. Ou seja, a resenha, diante do público geral, tem a função de divulgar uma obra e, simultaneamente, valorá-la. Nesse sentido, esse tipo de resenha é imprescindível à sociedade de consumo, sobretudo às camadas sociais que se dizem de gosto mais apurado. Afinal, o sucesso de bilheteria de um espetáculo de dança, por exemplo, pode sofrer muitas influências dos juízos críticos expressos nas resenhas veiculadas em jornais e revistas.

Figura 07



Fonte: @drobotdean. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/cropped-photo-serious-young-man-sitting-office-coworking_8078127.htm

No caso da resenha acadêmica, também se fazem presentes os dois movimentos básicos: a descrição ou o resumo da obra resenhada e os comentários do produtor da

resenha. A diferença reside na densidade das informações e no tratamento estilístico acadêmico dado ao texto, uma vez que o público é supostamente iniciado na área de conhecimento posta em pauta. Nesse entendimento, a resenha acadêmica tem a função de divulgar e, simultaneamente, valorar a produção dita científica que chegou ao mercado livresco. Ela cumpre um papel muito importante na circulação do conhecimento científico. Por isso mesmo, o resenhista de uma dada obra representativa da esfera científica é, geralmente, um especialista na área em que se insere a obra resenhada.

Também podemos encontrar a resenha acadêmica no âmbito das atividades pedagógicas. Isso acontece quando o professor solicita a resenha de um dado livro. Nesse caso, ainda que o texto final não se destine à publicação, o aluno deve apresentar a obra, sob forma de resumo, e acrescentar alguns comentários pessoais. Não deixa de ser uma resenha acadêmica, situada, agora, nas interações da sala de aula. O professor age com a intenção de o aluno se apropriar tanto de determinado tópico do conteúdo programático quanto das habilidades de síntese e de avaliação.

Na circulação em revistas especializadas ou não, a resenha abre espaço para um jogo interativo bastante peculiar: “a pessoa que escreve e aquela que lê têm objetivos convergentes: uma busca e a outra fornece uma opinião crítica” sobre determinada obra (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 27-28). Para quem se situa como estudioso ou como pesquisador, é fundamental ter acesso às críticas sobre obras da área de interesse. E também é fundamental julgar a apreciação alheia, concordando ou discordando dos juízos expressos nas resenhas. É o exercício contínuo da reflexão.

6. O QUE É NECESSÁRIO SABER PARA PRODUZIR UMA RESENHA ACADÊMICA E PARA AVALIAR SE ELA CUMPRE SUA FUNÇÃO COMUNICATIVA?

Nossa orientação para a produção e para a leitura crítica de *abstracts* também é válida para saber fazer e saber julgar resenhas acadêmicas. Assim, o contato com o gênero é a mãe de todos os demais desdobramentos. Portanto, o primeiro passo é ter acesso a revistas especializadas da área em que você atua e começar a interagir com as resenhas.

Nunca esqueça que a resenha acadêmica, conforme Motta-Roth e Hendges (2010) exige, do resenhista, quatro ações fundamentais: apresentar – descrever – avaliar – (não) recomendar o livro. Essas ações, ainda que possam variar, de resenha para resenha, em extensão, tendem a surgir na ordem sequenciada acima. Atentar, portanto, para a articulação desses movimentos pode ser um excelente encaminhamento de leitura crítica e de produção de resenhas acadêmicas.

Unidade 2
Os gêneros discursivos *abstract* e resenha acadêmica
na perspectiva do leitor e do produtor de textos

Como sistematização teórica a respeito do gênero resenha acadêmica, indicamos a leitura das considerações de Andrade (2006). É um ponto de partida bastante elucidador.

Esperamos que você tenha sucesso nas atividades relacionadas aos gêneros acadêmicos enfocados nesta Unidade. Lembre sempre que o aprendizado exige reflexão e treino, sobretudo se o segundo levar à primeira e se a primeira subsidiar o segundo.



ATIVIDADES

ATIVIDADE 1

Para realizar esta atividade, você deve ler previamente as ponderações de Motta-Roth e Hendges (2010) a respeito do *abstract*.

Em conformidade com as autoras, trace um perfil composicional e estilístico para o *abstract*.

ATIVIDADE 2

Analise os quatro *abstracts* enumerados abaixo, considerando os seguintes aspectos:

- se apresentam as partes da estrutura composicional do *abstract*;
- se estão redigidos em estilo de linguagem adequado; e
- se cumprem, devidamente, a função comunicativa que lhes cabe.

Abstract A

(Disponível em: <_____>. Acesso em: _____.).

Abstract B

(Disponível em: < _____ >. Acesso em: _____.).

Abstract C

(Disponível em: < _____ >. Acesso em: _____.).

Abstract D

(Disponível em: < _____ >. Acesso em: _____.).

ATIVIDADE 3

Produza um *abstract*, omitido com intenções estritamente pedagógicas, para o artigo científico _____.

(Disponível em: < _____ >. Acesso em: _____.).

ATIVIDADE 4

Para realizar esta atividade, você deve ler previamente as ponderações de Andrade (2006) a respeito da resenha.

Em conformidade com a autora, trace um perfil composicional e estilístico para a resenha acadêmica

ATIVIDADE 5

Analise a resenha acadêmica indicada abaixo, considerando os seguintes aspectos:

- se apresenta as partes da estrutura composicional da resenha;
- se está redigida em estilo de linguagem adequado; e
- se cumpre, devidamente, a função comunicativa que lhe cabe.

RESENHA ACADÊMICA

(Disponível em: < _____ >. Acesso em: _____.).

ATIVIDADE 6

Produza uma resenha acadêmica sobre um dos artigos científicos já enfocados durante este curso de especialização.



LEITURAS OBRIGATÓRIAS

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. **Resenha**. São Paulo: Paulistana, 2006. p. 7- 50. (Coleção aprenda a fazer).

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Abstract*. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 151-162.



LEITURAS COMPLEMENTARES

MACHADO, Anna Rachel (Coord.). **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos; 2).

_____. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. (Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos; 2).

Trata-se de obras didáticas sob forma de estudo dirigido. São duas propostas bastante interativas que contemplam a produção do resumo e a da resenha. Constituem excelente iniciação às temáticas em foco.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Resenha. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 27-49.

Trata-se de uma reflexão mais densa, apesar de didática, e centrada, especificamente, na leitura e na produção da resenha acadêmica.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. **Resenha**. São Paulo: Paulistana, 2006. (Coleção aprenda a fazer).

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

UNIDADE



O gênero projeto de pesquisa na perspectiva do leitor e do produtor de textos



APRESENTANDO A UNIDADE

Nesta Unidade, abordaremos, nas perspectivas do leitor e do produtor de textos, o gênero acadêmico projeto de pesquisa.

Ao final da Unidade, esperamos que você possa

- traçar perfil composicional do projeto de pesquisa;
- avaliar, no que diz respeito à organização composicional e à eficácia comunicativa, projeto de pesquisa;
- esboçar um projeto de pesquisa.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Depois de termos o foco no *abstract* e na resenha acadêmica, centrar-nos-emos, mais especificamente, no projeto de pesquisa. Se o *abstract* e a resenha acadêmica constituem gêneros de circulação social mais ampla, uma vez que o primeiro é publicado em anais, ficando exposto aos olhos dos leitores, e a segunda tem lugar assegurado em revistas especializadas, o projeto de pesquisa tem percurso mais restrito. Essa constatação, no entanto, não diminui a importância do projeto de pesquisa diante dos dois gêneros comentados anteriormente.

Para orientar nossas ponderações sobre o gênero em pauta, partiremos sempre de perguntas, do mesmo modo como procedemos nas Unidades anteriores. Nosso intento é

tão somente traçar uma panorâmica a respeito do projeto de pesquisa, uma vez que você terá acesso a mais detalhamento no texto teórico de leitura obrigatória. Convém frisar, no entanto, que tanto nossas ponderações quanto as expostas no texto indicado para estudo constituem, na verdade, uma introdução ao projeto de pesquisa.

Iniciemos enfocando a pergunta mais simples e talvez a mais recorrente.

1. O QUE É UM PROJETO DE PESQUISA?

Muito provavelmente, você, na sua vida acadêmica, deve ter se deparado com a necessidade de produzir um projeto de pesquisa. Talvez tenha até se angustiado quando começou a pensar na composição desse gênero. Por outro lado, também deve ter pensado na relevância do projeto de pesquisa para o entrecruzamento de ensino, pesquisa e extensão, três práticas decisivas para a vida acadêmica. Deve ter reconhecido que o projeto de pesquisa, necessariamente, se faz presente nas práticas discursivas da academia. Portanto, se é verdade que esse gênero não circula socialmente, atingindo um número considerável de leitores, à semelhança do *abstract* e da resenha acadêmica, também é verdade que, sem ele, a pesquisa científica, não se renova, não estende braços para outras investigações, trava.

Nessa perspectiva, entendemos o projeto de pesquisa como uma proposta devidamente planejada e amparada por um determinado referencial teórico. É uma proposta que objetiva pôr em pauta, à luz do conhecimento dito científico, um determinado problema que se tenha desejo de solucionar, ou contribuir para a solução, ou apenas compreender por que tal coisa acontece. Para configurar essa proposta, o pesquisador, segundo Minayo (1995), lida com três dimensões: a dimensão técnica, definida pelas regras que regem o projeto; a dimensão ideológica, relacionada às escolhas do pesquisador como um sujeito inserido em um determinado momento histórico; e a dimensão científica, visibilizada na ultrapassagem do senso comum por meio do método científico.

Em outras palavras, Belchior (*apud* GONÇAVES, 2003, p. 18) conceitua projeto de pesquisa como

mobilização de recursos para a consecução de um objetivo predeterminado, justificado econômica e socialmente, em prazo também determinado, com o equacionamento da origem dos recursos e detalhamento das diversas fases a serem efetivadas até a sua execução.

Enfocar projeto de pesquisa também é enfocar planejamento, no entendimento de que o último contempla o primeiro. Motta-Roth e Hendges (2010, p. 51) sinalizam, com muita clareza, essa vinculação:

Traçar objetivos, prever os passos necessários à realização das ações que nos levarão a alcançar os objetivos, decidir a ordem preferível em que esses passos devem ser desenvolvidos e identificar objetos e pessoas necessários à realização das ações são todos elementos de um planejamento.

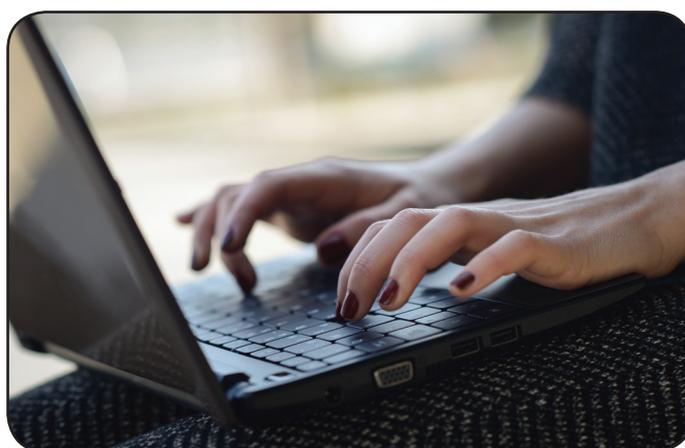
Motta-Roth e Hendges (2010, p. 51-52) ainda complementam: “A atividade de pesquisa é uma das atividades humanas que mais dependem de um planejamento prévio para que o(s) objetivo(s) projetado(s) seja(m) alcançado(s)”.

Construir um projeto de pesquisa é, portanto, planejar uma pesquisa a ser desenvolvida.

2. PARA QUE SE PRODUZ PROJETO DE PESQUISA?

O projeto de pesquisa tem finalidade bem definida. Na condição de pesquisador, o sujeito, na esfera acadêmica, somente pode desenvolver uma pesquisa a partir de um projeto prévio. É mediante um projeto que se pode, por exemplo, concorrer a um mestrado ou a um doutorado. É mediante um projeto que uma pesquisa pode obter financiamento. É mediante um projeto que se dá visibilidade ao alcance e à relevância de uma pesquisa a ser desenvolvida. O projeto de pesquisa torna-se, assim, uma condição imprescindível para a produção científica na academia. Não há, portanto, como fazer ciência sem que se parta de projetos, sempre avaliados e aceitos por instâncias maiores e responsáveis pela produção científica da instituição a que o pesquisador está, de algum modo, subordinado.

Figura 08



Fonte: @javi_indy. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/close-up-woman-s-hands-with-painted-nails-typing-laptop_899574.htm

Frisemos, ainda, que, na produção de um projeto de pesquisa, três propósitos se tornam evidentes. O primeiro diz respeito à construção de uma imagem mental de uma situação futura, a explicitação do que se pretende fazer. O segundo diz respeito à

determinação do modo como se pretende fazer, a opção por um determinado método científico. O terceiro diz respeito à concepção de um plano de ação a ser executado em um determinado tempo, a condição que permitirá a realização do projeto. Somente assim configurado, no entrecruzamento dessas três metas, o projeto de pesquisa pode tomar forma e firmar-se como norte definidor de uma pesquisa.

3. O QUE É NECESSÁRIO SABER PARA PRODUZIR UM PROJETO DE PESQUISA E PARA AVALIAR SE ELE CUMPRE SUA FUNÇÃO COMUNICATIVA?

Como não se tem acesso, com muita facilidade, a projeto de pesquisa, o contato com esse gênero chega ao pesquisador iniciante sob forma de orientação teórica sistematizada. Infelizmente, os projetos não circulam socialmente. Ficam retidos nos grupos de pesquisa ou em outras instâncias responsáveis pela aceitação ou não do projeto.

Para quem está se iniciando em pesquisa, resta, portanto, a orientação de um manual ou, melhor ainda, a orientação de um professor que desenvolva pesquisa e que tenha interesse em mediar o acesso do pesquisador iniciante à prática sistematizada da investigação científica. No caso do gênero em pauta, o como fazer e o como julgar terminam por se desenvolverem em áreas mais específicas de iniciação à produção acadêmica, diferentemente dos gêneros *abstracts* e resenha acadêmica. Mas isso não deve desanimar você. Ao contrário, trate de estimular o interesse por algum problema que possa ser investigado e procurar os meios para dar forma a um projeto. Essas atitudes podem garantir a aceitação em um mestrado ou doutorado e também o financiamento necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

Figura 09



Fonte: @wayhomestudio. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/top-view-busy-experienced-distant-worker-keyboards-laptop-computer-calculates-costs_13761470.htm

Convém saber que as informações a serem incluídas em um projeto podem variar de acordo com a área de conhecimento, com a instituição a que o projeto será submetido e com o tipo de pesquisa a ser desenvolvido. Mas, em uma perspectiva mais geral, podemos apontar, em conformidade com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 52-53), algumas características comuns aos projetos de pesquisa: “o conteúdo de referência ao campo da ciência” (presença de palavras que remetem para conceitos de uma determinada área de conhecimento); “o tom formal da linguagem, geralmente contendo termos técnicos e/ou abstratos e suas definições”; e “a estrutura do texto, geralmente organizado em partes que compõem a proposta da pesquisa”.

Como um ponto de partida para você sistematizar diretrizes fundamentais a respeito do projeto de pesquisa, indicamos a leitura das ponderações de Gonçalves (2003). Atente para o roteiro das atividades e procure esclarecer todas as dúvidas. Boa sorte!



ATIVIDADES

ATIVIDADE 1

Para realizar esta atividade, você deve ler previamente as ponderações de Gonçalves (2003) a respeito do projeto de pesquisa.

ROTEIRO DE LEITURA

- a) Descreva, sob forma de esquema, a estrutura composicional (elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais) do projeto de pesquisa.
- b) Caracterize os elementos textuais do projeto de pesquisa.
- c) Identifique os elementos obrigatórios da estrutura composicional do projeto de pesquisa.
- d) Explícite as orientações da ABNT que se fazem presentes na organização do projeto de pesquisa.

ATIVIDADE 2

Para realizar esta atividade, você deve reler cuidadosamente as ponderações de Gonçalves (2003) a respeito do projeto de pesquisa.

Analise o projeto de pesquisa _____, de _____
(Disponível em: <_____>. Acesso em: _____.),
considerando os seguintes aspectos:

- se apresenta as partes da estrutura composicional do projeto de pesquisa;
- se está redigido em estilo de linguagem adequado; e
- se cumpre, devidamente, a função comunicativa que lhe cabe.

Justifique todas as respostas.

ATIVIDADE 3

Trace um esboço inicial de projeto de pesquisa considerando os seguintes aspectos:

- o assunto a ser investigado;
- o que se quer investigar em relação a esse assunto;
- a justificativa para esse assunto ser investigado;
- o(s) objetivo(s) da investigação;
- o referencial teórico que apoiará a investigação; e
- a metodologia a ser adotada na investigação.

Esquematize sua resposta. Não esqueça de que esses aspectos são os mais importantes para que se inicie a elaboração de um projeto de pesquisa.



LEITURAS OBRIGATÓRIAS

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Avercamp, 2003.



LEITURAS COMPLEMENTARES

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Trata-se de obra didática, de fácil leitura. Os autores traçam uma sistematização pormenorizada sobre o projeto de pesquisa.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Projeto de pesquisa. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 51-63.

Trata-se de obra didática, de fácil leitura. As autoras traçam uma sistematização panorâmica sobre o projeto de pesquisa.



REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Avercamp, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

UNIDADE



O gênero artigo científico na perspectiva do leitor e do produtor de textos



APRESENTANDO A UNIDADE

Nesta Unidade, abordaremos, nas perspectivas do leitor e do produtor de textos, o gênero artigo científico (ou artigo acadêmico).

Ao final da Unidade, esperamos que você possa

- traçar perfil composicional do artigo científico; e
- avaliar, no que diz respeito à organização composicional e à eficácia comunicativa, artigos científicos.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Depois de termos o foco no *abstract*, na resenha acadêmica e no projeto de pesquisa, centrar-nos-emos, mais especificamente, no artigo científico (ou artigo acadêmico). Dentre os gêneros postos em análise nas Unidades anteriores, o artigo científico constitui o de alcance social maior, uma vez que tanto divulga a sistematização total ou parcial de uma pesquisa quanto possibilita o acesso dessa pesquisa ao público interessado. Assim, por se situar entre a divulgação e a acessibilidade, o artigo científico configura-se como um gênero imprescindível à circulação do conhecimento científico.

Para orientar nossas ponderações sobre o gênero em pauta, partiremos sempre de perguntas, do mesmo modo como procedemos nas Unidades anteriores. Nosso intento

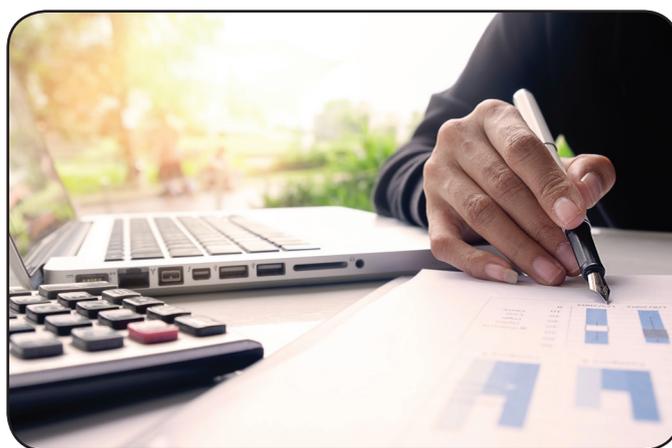
é tão somente traçar uma panorâmica a respeito do artigo científico, uma vez que você terá acesso a mais detalhamento no texto teórico de leitura obrigatória. Convém frisar, no entanto, que tanto nossas ponderações quanto as expostas no texto indicado para estudo constituem, na verdade, uma introdução ao artigo científico.

Iniciemos, do mesmo modo como procedemos ao abordarmos o *abstract*, a resenha acadêmica e o projeto de pesquisa, enfocando a pergunta mais simples e talvez a mais recorrente.

1. O QUE É UM ARTIGO CIENTÍFICO?

Talvez, você, na sua vida acadêmica, já tenha se deparado com a necessidade de produzir um artigo científico. Talvez a produção do artigo equivalesse a uma das avaliações de determinada disciplina ou à atividade final de um determinado curso. Ou talvez você, independentemente de obrigações pedagógicas, tenha produzido um artigo para publicação em uma revista especializada. Seja como for (mesmo, inclusive, que nunca tenha escrito um artigo), você já deve ter se deparado, na condição de leitor, com esse gênero. Ele está sempre presente nas indicações bibliográficas dos programas de disciplina e, na contemporaneidade, invadiu o mercado editorial, ocupando espaço não só em revistas especializadas como também em livros. Sem os artigos, assim como sem os projetos de pesquisa, a investigação científica não se renova e não se redimensiona, esclerosa.

Figura 10



Fonte: @mindandi. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/pen-adult-professional-presentation-gold-closeup_1238847.htm

Nessa perspectiva, entendemos o artigo científico, em conformidade com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 65), como “um texto, de aproximadamente 10 mil palavras, produzido com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de

uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico”. Consideremos que essa pesquisa, situada em qualquer campo do conhecimento dito científico, pode ser experimental, quase experimental, documental... Consideremos também que “o artigo acadêmico é o gênero textual mais conceituado na divulgação do saber especializado acadêmico” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 65). Consideremos, por fim, que o artigo pode ser escrito por um ou mais pesquisadores.

2. PARA QUE SE PRODUZ UM ARTIGO CIENTÍFICO?

Evidenciemos duas razões fundamentais para que se produzam artigos científicos. Em primeiro lugar, atentemos que eles funcionam como “uma via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e de pós-graduação” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 65). Nesse sentido, os artigos acabam sendo os grandes responsáveis pela divulgação da ciência, gerando, em consequência, os embates, as confirmações e as mudanças de ponto de vista. Em segundo lugar, atentemos que os artigos científicos se reportam a um estudo. Sendo assim, eles sinalizam para os resultados das atividades de investigação científica. Podem funcionar, portanto, como demarcadores do que se está investigando e dos aportes teóricos que estão em evidência, dando, por isso, legibilidade aos grupos que discutem a mesma problemática ou que se filiam à mesma ancoragem teórico-metodológica.

3. O QUE É NECESSÁRIO SABER PARA PRODUZIR UM ARTIGO CIENTÍFICO E PARA AVALIAR SE ELE CUMPRE SUA FUNÇÃO COMUNICATIVA?

Como já afirmamos anteriormente a respeito do *abstract* e da resenha acadêmica, o primeiro passo para que nos apropriemos da organização composicional do gênero artigo científico é, sem dúvida, o contato. A leitura de artigos constitui, portanto, a melhor aproximação com o gênero. E, também como já afirmamos, há necessidade de que essa leitura não se limite tão somente ao conteúdo posto em foco. É necessário que possamos ir mais longe e apreciemos o modo como o artigo foi escrito. Só posteriormente deveríamos sistematizar, com auxílio de um texto teórico ou de exposição de um professor, o perfil composicional e estilístico do artigo científico. Segue, assim, uma orientação essencial: antes de dar continuidade aos estudos sobre esse gênero, leia alguns exemplares, de preferência relacionados a uma área que seja de interesse pessoal. Isso facilitará uma sistematização teórica futura.

Figura 11



Fonte: @senivpetro. Disponível em:
https://www.freepik.com/free-photo/young-woman-sitting-library-using-books-computer_5495021.htm

A título de subsidiar, de modo mais geral, saber fazer e saber julgar artigos científicos, consideremos alguns aspectos relacionados a implicações teórico-metodológicas. Segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 66), “cada área e cada problema de pesquisa determinam o modo como a pesquisa será desenvolvida e, como consequência, a configuração final do artigo que relatará a pesquisa”. Surge, assim, dada essa diversidade de aportes teóricos e de, conseqüentemente, abordagens metodológicas, uma tipologia variada de artigos científicos.

Nesse sentido, podemos listar, como possibilidades classificatórias não exclusivas, o artigo de revisão teórica, o artigo experimental e o artigo empírico. Descrevamos, sucintamente, cada um deles.

O artigo de revisão teórica “relata uma pesquisa que consiste em um levantamento de toda a literatura publicada sobre um tema [...] em determinado período de tempo” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 66). É resultado de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica e tem um papel muito importante no sentido de sintetizar, comparar e confrontar estudos. O artigo experimental “relata um experimento montado para fins de testagem de determinadas hipóteses” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 66). O artigo empírico relata “a observação direta dos fenômenos conforme percebidos pela experiência” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 67). Nesse caso, “o autor ou autores não relatam uma experiência desenvolvida em um ambiente experimental controlado” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 66). É importante, portanto, entender que o perfil estilístico e composicional dos artigos científicos varia. E é importante também entender como se constrói esse perfil na área em que se atua como estudioso ou como pesquisador.

Motta-Roth e Hendges (2010, p. 68) traçam ainda um esboço geral das atitudes do pesquisador na condição de produtor de artigos científicos:

[...] o autor descreve o estudo, expõe e avalia seus resultados, conclui e argumenta, utilizando as convenções próprias àquela área. Cada área tem uma cultura própria que se traduz em um objeto de estudo próprio [...]. Isso resulta em modos particulares de constituir objetivos e procedimentos, padrões para propor argumentos, maneiras de usar a linguagem (estilo e vocabulário técnico), de argumentar e de refletir sobre problemas na área.

Como um ponto de partida para você sistematizar diretrizes fundamentais a respeito do artigo científico, indicamos a leitura das ponderações de Gonçalves (2004). Mas não se esqueça de que a pesquisa científica precede sempre o artigo. Ele, de certo modo, é uma decorrência da investigação. Atente para o roteiro das atividades e procure esclarecer todas as dúvidas. Boa sorte!



ATIVIDADES

ATIVIDADE 1

Para realizar esta atividade, você deve ler previamente as ponderações de Gonçalves (2004) a respeito do artigo científico. Deve também pôr em destaque, dentre as orientações traçadas pela autora, as que se referem à organização do artigo científico voltado para as ciências sociais e humanas.

ROTEIRO DE LEITURA

- a) Descreva, sob forma de esquema, a estrutura composicional (elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais) do artigo científico da área de ciências sociais e humanas.
- b) Caracterize os elementos textuais do artigo científico da área de ciências sociais e humanas.
- c) Explícite que elementos da estrutura composicional do artigo científico da área de ciências sociais e humanas são obrigatórios.

d) Explícite que orientações da ABNT se fazem presentes na organização do artigo científico.

ATIVIDADE 2

Para realizar esta atividade, você deve reler cuidadosamente as considerações de Gonçalves (2004, p. 71-74) a respeito da redação e da divulgação de artigos científicos.

Analise o artigo - _____.
(Disponível em: <_____>. Acessem: _____.),
considerando os seguintes aspectos:

- se apresenta as partes da estrutura composicional do artigo científico da área de ciências sociais e humanas;
- se está redigido em estilo de linguagem adequado; e
- se cumpre, devidamente, a função comunicativa que lhe cabe.

Justifique todas as respostas.



LEITURAS OBRIGATÓRIAS

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos**. São Paulo: Editora Avercamp, 2004.



LEITURAS COMPLEMENTARES

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Artigo acadêmico: introdução. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 65-87.

_____. Artigo acadêmico: revisão de literatura. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 89-110.

_____. Artigo acadêmico: metodologia. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 111-124.

_____. Artigo acadêmico: análise e discussão dos resultados. In: _____. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 125-150.

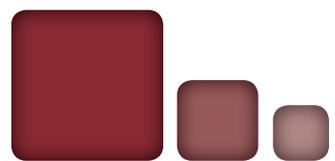
Trata-se de uma obra didática sobre, especificamente, alguns gêneros acadêmicos. Nos quatro capítulos indicados acima, o artigo científico é o alvo da análise. Além de uma visão sistematizada, há uma série de exemplos comentados.



REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos**. São Paulo: Editora Avercamp, 2004.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.





INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte
Campus Avançado Natal - Zona Leste



editora**ifrn**